

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

LUIZA LOY BERTOLI PEREIRA

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR(A)-ALUNA NA
PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOVENS ATLETAS DO FUTEBOL FEMININO**

Porto Alegre
2018

LUIZA LOY BERTOLI PEREIRA

**A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR(A)-ALUNA NA
PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOVENS ATLETAS DO FUTEBOL FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, da Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Anelise Reis Gaya.

Porto Alegre
2018

P4361r

Pereira, Luíza Loy Bertoli

A influência da relação professor(a)-aluna na profissionalização de jovens atletas. /
Luíza Loy Bertoli Pereira. -- 2018.

50 f.

Orientadora: Anelise Reis Gaya.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Licenciatura em Educação Física, Porto Alegre/RS, 2018.

1. Futebol feminino. 2. Princípios e valores do futebol. 3. Escolinha de futebol.
4. Relação professor-aluno. I. Gaya, Anelise Reis, orient. II. Vian, Fernando, coorient.
III. Título.

CDU: 796.332-055.2

Bibliotecária responsável: Simone Loy de Quadros CRB 10/1989

Luiza Loy Bertoli Pereira

**A influência da relação professor(a)-aluna na profissionalização de jovens
atletas do futebol feminino**

Conceito final:

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya - UFRGS

Orientadora – Prof^a. Dr^a. Anelise Reis Gaya – UFRGS

Dedico este trabalho a minha orientadora Prof^a Dr^a Anelise Reis Gaya pelo acolhimento, auxílio e incentivo, a Maria Padilha Bernardes por acreditar no meu potencial e não me deixar desacreditar, e a minha mãe, Simone Loy, por toda atenção, companheirismo, amor e carinho nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha orientadora, Professora Doutora Anelise Reis Gaya e ao Mestre Fernando Vian por terem me ajudado na elaboração deste trabalho.

À minha família, principalmente a minha mãe, Simone Loy, que sempre esteve comigo, me dando apoio e incentivando os meus estudos, além dos puxões de orelha.

Às minhas amigas, Gisele Pinheiro, Vanessa Polese, Aline Weber, Sabrina Rodrigues, Sara Schenato, Renata Máximo, Franciny Oliveira, Luana Weinmann e Grazielle Ramos, que estiveram ao meu lado em um dos momentos mais difíceis da minha graduação, e sempre me proporcionaram momentos incríveis e sempre estiveram do meu lado, independente da distância e da rotina. Aos da faculdade, muito obrigada pela troca de conhecimento e carinho durante toda essa trajetória.

À Mestra Suellen Ramos que desde 2014 se tornou referência para mim como pessoa e como profissional na área do futebol feminino, e também por todo auxílio e motivação no início da minha carreira.

À minha namorada, Bibiana Kniest, que esteve presente nos momentos bons e ruins, me incentivando e dando forças para acreditar que tudo daria certo.

Ao professor Anderson Silva, por todo conhecimento proporcionado nos últimos meses, por confiar no meu potencial e seguir me incentivando nessa área da pedagogia esportiva, principalmente com o futebol feminino.

À todas minhas alunas que tive o prazer de compartilhar conhecimentos, momentos, resenhas e criar uma amizade dentro e fora de campo. Vocês me dão a certeza de que estou no caminho certo.

E aos professores e colegas de trabalho do qual compartilhei e acumulei bastantes conhecimentos, vocês foram essenciais para minha formação profissional e pessoal.

RESUMO

A relação professor(a)-aluna é um elemento fundamental no comportamento e realização profissional de um indivíduo. Complexa, a relação tende a despertar intenções e interesses dos envolvidos, portanto é uma das fontes mais importantes na agregação de valores. O presente trabalho tem como objetivo descrever os aspectos, positivos e negativos na relação professor(a)-aluna dentro do futebol feminino, que incentivam a profissionalização das jovens na área da pedagogia esportiva. Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa e interpretativa dos relatos de experiência das alunas de uma escola de futebol de Porto Alegre. Para a coleta de informações, utilizou-se do método de grupos focais, que contou com um roteiro pré-estabelecido. A partir das informações coletadas foi feita uma análise qualitativa dos dados. Espera-se perceber neste estudo que a presença e atitudes dos professores/treinadores têm grande importância na relação com as alunas, ressaltando que o profissionalismo vai muito além da aprendizagem motora, considerando seus efeitos no desenvolvimento psicológico das atletas, através da transmissão de princípios e valores do esporte e/ou pela forma como auxiliam a lidar com a realidade e nas exigências como cidadãos.

Palavras-chave: Escolinha de futebol. Relação professor-aluno. Pedagogia esportiva. Futebol feminino. Princípios e valores do futebol.

ABSTRACT

The relation teacher (a) -student is a fundamental element in the behavior and professional fulfillment of an individual. Complex, the relation tends to awaken the intentions and interests of those involved, so it is one of the most important sources in the aggregation of values. The objective of this study is to describe the positive and negative aspects of the teacher - a relationship within the women 's football, which encourage the professionalization of young women in the field of sports pedagogy. This study presents a qualitative and interpretative approach to the experience reports of the students of a football school in Porto Alegre. For the collection of information, we used the focus group method, which had a pre-established road map. From the information collected, a qualitative analysis of the data was made. It is expected that in this study the presence and attitudes of the teachers / coaches have great importance in the relationship with the students, emphasizing that professionalism goes far beyond motor learning, considering its effects on the psychological development of the athletes, through the transmission of principles and values of the sport and / or the way they help to deal with reality and the demands as citizens.

Keywords: Little school football. Teacher-student relationship. Sports pedagogy. Women's football. Principles and values of football.

SUMÁRIO

1 TEXTO INTRODUTÓRIO.....	10
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3.1 PROBLEMA DA PESQUISA	15
3.2 QUESTÕES NORTEADORAS.....	15
3.3 DELINEAMENTO DO ESTUDO.....	15
3.4 SUJEITOS DA PESQUISA	16
3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	16
3.6 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES.....	17
3.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA.....	31
APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O (A) ALUNO (A)	32
APÊNDICE C – ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL 1	33
APÊNDICE D – ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL 2	40

1 TEXTO INTRODUTÓRIO

Aqueles que gostam e acompanham futebol no país, percebem que são muitas as desigualdades dentro do esporte, quando praticado por homens e mulheres, principalmente no que se refere a valores, visibilidade e patrocínio.

O futebol praticado por mulheres no Brasil apresenta uma história com muitos preconceitos e proibições, resultando em registros escassos e divergentes de informações dessa prática. Tal situação pode ser consequência do Decreto-Lei nº 3.199 (BRASIL, 1941), que em seu Art. 54 afirma que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]”, o que as impediu de praticar qualquer tipo de esporte considerado violento.

Segundo Franzini (2005), o futebol feminino chegou ao país em 1913, ano que acontece o primeiro jogo entre mulheres dos bairros Cantareira e Tremembé, na Zona Norte de São Paulo. Na década de 1980, com a conquista da Copa Feminina da Espanha, a equipe carioca Esporte Clube Radar, incentivou o surgimento de novos times. Em 1988, foi organizada a primeira Seleção Brasileira de futebol feminino pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Neste mesmo ano ocorreu a decadência da equipe carioca e, conseqüentemente, do futebol feminino brasileiro (DARIDO, 2002).

Segundo Salles, Silva e Costa (1996) e Darido (2002), em 1991, a CBF ‘recrutou’ jogadoras do extinto Clube Radar para formar novamente a Seleção Brasileira, a fim de disputar o Mundial na China e os Jogos Olímpicos de Barcelona. No ano de 1996, o Brasil alcançou o quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta. Em 1999 conquistou o terceiro lugar, nos pênaltis, da Copa do Mundo nos Estados Unidos. Iniciando os anos 2000, a Seleção Brasileira atingiu o quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Sydney; em 2003 chegou ao quinto lugar no Mundial nos Estados Unidos; subiu ao pódio nas Olimpíadas de 2004, em Atenas, e 2008, em Pequim, conquistando duas medalhas de prata (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016). Consagraram-se campeãs dos Jogos Mundiais Militares de 2018 (BRASIL, 2018).

Como vemos, as mulheres ainda passam por dificuldades para manter vivo seu sonho de jogar futebol profissionalmente, já que são muitas as

barreiras enfrentadas desde a Educação Física Escolar. Dentro do planejamento da escola, o futebol é constituído como principal conteúdo das aulas para os meninos, fazendo com que as meninas que queiram jogar, tenham que dividir quadra e praticar com eles. Tal situação ocasiona a desmotivação das meninas, consequência do desinteresse, e alguns preconceitos, dos meninos em jogar com elas.

Na história da Educação Física, também existiu discriminação sexual, caracterizando comportamentos femininos e masculinos de maneiras distintas. De acordo com Bastos e Navarro (2009) em 1970 as atividades esportivas eram vistas como um treinamento para formar um exército, juntamente com o regime militar. A flexibilidade da prática aconteceu na década de 1980, quando possibilitou a participação das 'diferenças' dentro da aula, a inclusão de pessoas acima do peso, com necessidades especiais, inclusive as mulheres. Ainda segundo os autores, a partir de 1990, a Educação Física evoluiu, permitindo meninas a jogar futebol, brincar de pega-pega, entre outras atividades lúdicas.

Contudo, entendem-se as desigualdades entre gênero nas práticas esportivas, desde a motivação, até o desempenho. Conforme Souza Junior e Darido (2002) o processo cultural reforça o preconceito, a partir do momento em que não são permitidas às meninas, vivenciar as mesmas experiências motoras que os meninos, o que leva a exclusão e falta de motivação das mesmas nas práticas de Educação Física.

O futebol é um fenômeno de grande relevância sociocultural, desempenhando um papel central na cultura brasileira. Segundo Valentin e Coelho (2005) em meados das décadas de 1960 e 1970, a iniciação ao esporte tomou uma proporção gigantesca após a derrota da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra. Esse movimento surgiu primeiramente com as categorias de base de grandes clubes brasileiros, que abriram espaço para a pedagogia dos professores de Educação Física e o profissionalismo de ex-jogadores de futebol. Ainda conforme os autores, a estratégia foi criar novos modelos de jogos, a partir das mudanças de hábitos e estilos dos jogadores, que surgiu através das observações dos atletas brasileiros que disputaram a Copa do Mundo naquele ano.

A valorização das categorias de base levou o público infanto-juvenil a se interessar cada vez mais cedo pelo esporte, com isso, foram surgindo escolinhas de futebol para crianças, na intenção social e lúdica. Neste caso, foram criadas regras para os atletas que subiriam para o profissional, sendo necessário passar pelas escolinhas e categorias de base dos clubes reconhecidos pela disciplina e qualidade de treinos (VALENTIN; COELHO, 2005).

Assim como na história do futebol e da Educação Física, também as escolinhas se formaram a partir de categorias masculinas, fazendo com que o esporte praticado pelas meninas fosse vivenciado dentro da escola, ou através do futsal, dividindo espaço com os meninos. Darido (2002) destaca que meninos jogarem com meninas não era desafiador, e sim, uma ameaça, pois o bom desempenho destes não lhes dava méritos, mas a derrota era considerada vexame, indo contra as expectativas de superioridade nesse campo.

Durante toda a história, em todos os contextos mencionados, existem professores (as) de Educação Física determinantes no reconhecimento das aptidões físicas, técnicas e psicológicas dos (as) atletas, proporcionando as vivências no esporte conforme as motivações dos (as) alunos (as), sejam elas lúdicas ou competitivas. O (a) professor (a) desempenha um papel bastante próximo ao do treinador nas escolinhas de futebol.

De acordo com Aulete (2011, p. 1114), professor é o,

1. Indivíduo que se especializou em ensinar, em escola ou universidade; DOCENTE; MESTRE. 2. Aquele que ensina algo (disciplina, atividade, arte, ofício, técnica, etc.) a alguém: professor de judô. 3. Fig. Aquele que é perito ou muito versado em alguma coisa [...].

Ainda conforme Aulete (2011, p. 1360) “treinador **a**. 1. Diz-se de profissional que treina, que ensina; [...] 2. Esse profissional; TÉCNICO: O treinador exigiu o máximo do time [...].”

Percebe-se, assim, que o (a) professor (a) possui uma postura mais pedagógica, preocupando-se com a progressão de qualidade, sem a pressa

por resultados imediatos, enquanto o (a) treinador (a) mesmo pedagógico busca o alto rendimento do atleta através de cobranças diárias. Portanto, no caso dos (as) alunos (as) de escolinhas de futebol, antes de chegarem às categorias de base, é necessário passar pela didática e ensinamentos do (a) professor (a), que os prepara para as abordagens mais técnicas do (a) treinador (a).

Conforme Valentin e Coelho (2005) o futebol tem um papel central na nossa cultura, independente da competição ou sentimento lúdico, ele atua como uma conexão social. A partir desta afirmativa, é relevante a presença pedagógica dos (as) professores (as) de Educação Física, que são os (as) profissionais capacitados a reconhecer e refletir sobre as diferenças existentes entre os (as) alunos (as), utilizando o esporte como viés no aprendizado da convivência social, respeitando as diversidades pessoais e culturais (DARIDO, 2002). Segundo Santini e Voser (2008 p. 52), “todos os professores em suas atividades de ensino devem ter conhecimento do processo de aprendizagem e dos métodos de ensino a serem aplicados”

Costa e Nascimento (2004) abordam três metodologias tradicionais que normalmente são utilizadas nos ensinamentos dos esportes coletivos, são elas: Método parcial de ensino, havendo uma progressão técnica individual visando o contato do (a) aluno (a) com a bola; método global que incentiva o jogo coletivamente lúdico; e o método misto que é a síntese do parcial com o global em sequência, sendo este último considerado pelos autores como o método mais tradicional de ensino. Em sua pesquisa, Costa e Nascimento (2004) citam (SOUZA, 1997; GARGANTA, 1998; GRECO, 1998; MESQUITA, 2000; PAULA et al., 2000; GRECO, 2001) que trazem o método funcional como eficaz e inovador, demonstrado através de situações do jogo, considerando o número de atletas, técnicas desenvolvidas, níveis de dificuldade e complexidade das atividades propostas.

Em qualquer área se faz importante e necessário aproveitar as experiências dos (as) alunos (as) para um conhecimento organizado. Na intenção de que isso aconteça de maneira significativa, a atuação do (a) professor (a) com indagações, bem como retornos positivos referente às respostas destes, incentivando-os (as) na participação ao longo das aulas

(CUNHA, 1989). Tais abordagens de ensino consideradas importantes na literatura esportiva, como citado por Costa e Nascimento (2004) através dos estudos de Garganta (1998), Graça (1998), Oliveira e Graça (1998), Greco, (1999), Garganta (2000), Mesquita (2000) e Daolio (2001).

Portanto, a idéia para este trabalho surgiu através da experiência como professora de Educação Física atuando com alunas de uma escola de futebol em Porto Alegre, com o propósito de descobrir até que ponto o (a) professor (a) é visto como modelo a ser seguido pelas atletas.

Contudo, é necessário que os (as) professores (as) de Educação Física busquem meios de motivar as meninas na prática do futebol escolar, impedindo que o preconceito e a exclusão permaneçam afastando-as do esporte e, conseqüentemente, da possibilidade de sucesso profissional.

Sendo assim, este trabalho busca descrever os aspectos positivos e negativos na relação dos (as) professores (as) de Educação Física com suas alunas nas escolinhas de futebol, a fim de destacar o que estes influenciam na profissionalização de suas atletas.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever os aspectos positivos e negativos na relação dos (as) professores (as) de Educação Física com suas atletas nas escolinhas de futebol, e quais suas influências sobre o interesse de suas atletas em cursar Educação Física, relatada por dois grupos de alunas de uma escola de futebol em Porto Alegre.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 PROBLEMA DA PESQUISA

A relação dos (as) professores (as) de Educação Física com suas atletas nas escolinhas de futebol, influencia sobre o interesse de suas atletas em cursar Educação Física?

3.2 QUESTÕES NORTEADORAS

- O que fez escolherem o futebol como esporte a ser praticado?
- Como consideram a relação com seus professores na escola de futebol?
- Possuem a perspectiva de trabalhar na área da pedagogia esportiva?

Justifique.

- Consideram seus professores uma referência no incentivo a se tornar profissional da área pedagógica? Justifique.

3.3 DELINEAMENTO DO ESTUDO

O trabalho caracteriza-se como um estudo de relato de experiência de casos múltiplos com delineamento interpretativo e abordagem qualitativa. Os instrumentos e métodos de pesquisa foram entrevistas estruturadas em grupos focais com alunas, sendo aplicada durante o segundo semestre de 2018. Gaya, (2016) define grupos focais:

“O grupo focal ou entrevistas de grupo focal caracteriza-se pela reunião de pequenos grupos de pessoas (6 a 10 pessoas) com o objetivo de identificar e avaliar: percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, de um produto ou atividade.”

E Gaya (2016) define estudos de casos múltiplos como: “análise sistematizada e organizada de dois ou mais casos que são investigados no espaço de um mesmo conjunto de objetivos.” Ainda segundo o autor, as categorias de análises são as mesmas para cada um dos casos, que auxiliam

nas análises comparativas entre os casos com possíveis regularidades e especificidades entre eles.

3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

Participaram do estudo 12 meninas, com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos, de uma escola de futebol da cidade de Porto Alegre. Nessa escola atualmente estão matriculadas 50 meninas.

Todas as atletas da escola de futebol foram convidadas através da plataforma de conversa digital *WhatsApp*, além do convite formal dentro dos treinos das mesmas, porém apenas 12 atletas aceitaram participar da pesquisa. Tal convite deixava claro o objetivo do estudo e seus riscos e benefícios.

3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Para a coleta de informações foram realizados dois grupos focais, composto por meninas atletas de uma escola de futebol de Porto Alegre. Inicialmente separadas por categorias de treino, envolvendo a idade das meninas. E após a disponibilidade apresentada para participação no presente estudo, as atletas foram selecionadas por frequência nos treinos e tempo em que estão matriculadas na escola de futebol, a fim de terem vivências e experiências suficientes para relatar.

Houve uma conversa inicial com o propósito de que as atletas se ambientassem com o papel de entrevistadas, explicando o tema central deste trabalho, além das regras de anonimato, sigilo das informações pessoais e após essa conversa foram tiradas todas as dúvidas e iniciado a coleta de experiências (APÊNDICE C e D).

a) Grupo Focal 1: Foi composto por seis atletas, com uma média de idade de 16 anos, sendo essas as meninas com mais tempo de aderência na escola de futebol, entre 3 e 5 anos. As atletas deste grupo pertencem à categoria Sub-17.

b) Grupo Focal 2: Foi composto por seis atletas, com uma média de idade de 15 anos, sendo essas as meninas com mais tempo de aderência na escola de futebol, entre 9 meses e 1 ano. As atletas deste grupo pertencem à categoria Sub-15.

A coleta de informações ocorreu em uma sala cedida pelo clube, em dois turnos da tarde, sendo um grupo por turno, a coleta foi realizada sobre a orientação e tutoria da pesquisadora. Inicialmente, fora reforçado para as atletas de forma clara e objetiva as pretensões do trabalho e também o objetivo da realização do grupo focal, após isso as atletas foram instruídas de como ocorreria à coleta. Fora também, explicado que a conversa seria gravada, porém, sem vídeo, sem exposição, onde elas poderiam ficar tranquilas com as informações tratadas, pois tudo ocorreria de forma anônima.

3.6 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

A estratégia utilizada para analisar as informações coletadas foi a análise do discurso dado pelas alunas através de sua transcrição para texto, buscando identificar as relações das mesmas com seus (as) professores (as) dentro da escola e do clube. Posteriormente a isso se aplicou a técnica de análise de conteúdo das respostas (BARDIN, 2011).

Após a análise, um panorama geral foi construído através dos assuntos debatidos nos grupos focais. Tal panorama geral deu origem à organização as categorias: Iniciação e dificuldades enfrentadas na trajetória do futebol; Relação com seus (as) professores (as) de Educação Física e treinadores (as) dentro da escolinha do clube; Importância, relevância e influência dos (as) professores (as) nos caminhos a serem seguidos pelas atletas como carreira profissional. Tais categorias foram descritas nos resultados de forma de texto corrido na mesma ordem apresentada acima.

3.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Para a realização do trabalho a direção do clube onde foi realizada a pesquisa foi contatada e elucidada sobre o objetivo do trabalho, os mesmos concordaram em ceder o espaço para que a pesquisadora pudesse desenvolver as entrevistas, assinando o termo de autorização (APÊNDICE A). As atletas que demonstraram interesse em participar do estudo assinaram o termo de assentimento (APÊNDICE B) juntamente com os pais.

Este estudo foi elaborado a partir de entrevistas do grupo focal 1 (APÊNDICE C) e grupo focal 2 (APÊNDICE D) com questões semi-estruturadas para nortear os temas abordados nas discussões. A partir disso, a pesquisadora entrou em contato com as atletas da escola de futebol dentro de seus respectivos treinos e através de mensagens, sendo assim, realizou os convites e organizou os grupos focais conforme a disponibilidade de dias e horários acessíveis para a maioria.

As identidades das atletas serão preservadas, e todas as informações referentes às coletas de informações serão guardadas por um período de cinco anos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo explorar a relação professor(a)-aluna dentro de uma escola de futebol da cidade de Porto Alegre e investigar os pontos positivos e negativos que estes influenciam na profissionalização de suas atletas através de relatos de experiências realizados pelas alunas. Para fins de organização e apresentação de resultados, optou-se por estruturar um texto corrido, de acordo com as questões norteadoras das entrevistas (conforme visto no item 3.2), com o intuito de relatar as experiências das meninas desde a iniciação à prática, dificuldades que ainda encontram no futebol, além entender como são as relações com os profissionais da área e se estes servem como motivação para profissionalização das mesmas.

Através dos grupos focais foi possível perceber que grandes partes das meninas sempre tiveram a presença do futebol na sua vida, desde os sete anos jogando na rua, entre meninos da família e amigos. Também tiveram dificuldades para praticar na escola, principalmente nos intervalos das aulas e na Educação Física, onde eram separadas por gênero, por vezes relutantes também em oportunizá-las a jogarem com os meninos. Muitas relatam a necessidade de provar que possuem a capacidade de disputar esse espaço dentro da escola.

De acordo com a aluna S.N. (informação verbal)¹ “[...] comecei a jogar futebol esse ano, e só comecei por causa dos meus irmãos que treinam aqui na escola, eu não jogava antes”. Considerando a família uma base fundamental para que se motive a enfrentar essas barreiras do esporte, um apoio indispensável para as meninas. Situação oposta a realidade da menina V.F. (informação verbal)² “Eu já escutei do próprio pai de uma colega que eu não era boa que não devia estar jogando, durante um campeonato”.

¹ Entrevista concedida por S.N. Grupo Focal 2. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

² Entrevista concedida por V.F. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

Segundo o relato da aluna M.B. (informação verbal)³ “[...] quando eu comecei a jogar no meio deles, querendo dar jogo de corpo, jogar que nem homenzinho mesmo, mostrar que eu também tinha capacidade de competir com eles, aí eles começaram a me chamar para jogar [...]”, sendo muito visível que, além da cultura determinar que um bom futebol seja jogado pelos homens, também é necessário o conflito entre gêneros para que haja uma valorização das habilidades das meninas.

Como afirma Bastos e Navarro (2009) o futsal é um dos esportes mais praticados dentro das aulas de Educação Física, mesmo assim, as meninas tiveram que se envolver e disputar espaço com os meninos seja na rua, nas escolas e escolinhas, onde mais fosse possível.

Através de experiência como aluna, tive as mesmas dificuldades relatadas acima, desde a ausência de oportunidades, até a obrigação de disputar espaço demonstrando o merecimento com desempenho. As meninas também possuem dificuldades dentro da escolinha, pois o incentivo da direção, materiais de treinos, ainda são bastante precários, entretanto, na atual gestão estamos conseguindo mudar essa realidade, principalmente nos métodos de abordagem dentro dos treinos, além da preocupação com o crescimento sociocultural.

Contudo, no estudo de Rezer e Shigunov (2004) é possível perceber que a concepção de ensino nas escolinhas, atualmente, centra-se no ensino do futebol também considerando os aspectos socioculturais, isto é, o desenvolvimento do repertório motor globalizado, não sendo restrito aos movimentos e entendimentos específicos técnicos da prática do futebol. Ainda segundo os autores, as escolinhas têm o objetivo de oportunizar aos alunos a tomarem decisões em conjunto, saberem trabalhar em grupo, conviver com as diferenças sociais e de habilidades, entre outras situações que o esporte envolve muito além do jogo.

Depois de todo contexto histórico, as trajetórias, dificuldades enfrentadas, também foram questionadas sobre a relação delas com seus (as)

³ Entrevista concedida por M.B. Grupo Focal 2. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

professores (as) de Educação Física e de futebol dentro do clube. Através dos grupos focais, nota-se o quão relevante é o papel destes profissionais.

A aluna D.C. (informação verbal)⁴ entende que “têm professores que parecem que nasceram para ser professores, que eles sabem como falar com a pessoa, como falar com o aluno e tem professores que não tem noção de como se falar com uma pessoa”, considerando importante a formação do professor, independente da área de atuação.

Grande parte relata que possuem uma relação boa com seus professores, apesar de algumas já terem passado por dificuldades durante o processo de ensino-aprendizagem.

Algumas meninas relatam características e comportamentos importantes que ajudam nessa relação com os seus professores, por exemplo, a aluna V.F. (informação verbal)⁵ relata que “depende muito do professor que a gente está tratando, tem uns que a gente tem mais afinidade e outros não”. E a aluna L.M. (informação verbal)⁶ diz que “[...] é muito bom para a confiança de cada uma ter os professores fora e dentro de campo”. Ressaltando o quanto se importam e valorizam o afeto dos educadores.

E a partir do estudo de Galvão (2002) as características dos (as) professores (as) considerados bem-sucedidos são separadas em três aspectos: técnicos, afetivos e sociopolíticos, considerando que haja correlação entre eles.

Dentre as doze características técnicas relacionadas por Galvão (2002) as principais mencionadas é o fato dos (as) professores (as) terem o conhecimento de seus (as) alunos (as) e adaptar o ensino as suas necessidades, incorporando a experiência do aluno ao conteúdo e incentivando

⁴ Entrevista concedida por D.C. Grupo Focal 2. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

⁵ Entrevista concedida por V.F. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

⁶ Entrevista concedida por L.M. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

sua participação através de *feedback* constante e apropriado, além de dominar as matérias e metodologias de ensino, enriquecendo o aprendizado.

Como relata a aluna G.U. (informação verbal)⁷ “[...] tem professores que são extremamente inteligentes, extremamente bons, só que na hora de botar o treino em prática deixam a desejar pelo fato de que não tem o pulso firme [...]”, além disso, a atleta M.M. (informação verbal)⁸ relata “[...] claro que dentro de campo é diferente, o que a gente sente dentro de campo é diferente, não que outra pessoa não saiba, que está ali para ajudar, para ensinar, para auxiliar. Ouvir as atletas, compreender [...]” expondo algumas de suas experiências dentro de campo com seus professores e o quanto considera importante essas atitudes.

Nas características afetivas, segundo Galvão (2002) os (as) professores (as) devem demonstrar interesse, entusiasmo, motivação e/ou satisfação com o ensino e seu trabalho, valorizando seu papel, além de desenvolver laço afetivo forte com seus (as) alunos (as) mantendo um clima agradável, respeitoso e amigável com estes, tornando o espaço e a prática prazerosa, isso não quer dizer que tenha que ser ‘bonzinho’, deverá ter uma postura afetivamente madura.

Como relata a aluna M.M. (informação verbal)⁹ “competência, inteligência, escutar, ouvir o que os atletas em geral falam para ele”, ressaltando algumas características importantes na atuação do professor, tal fala que foi complementada pela aluna S.O. (informação verbal)¹⁰ “Tem que saber escutar também”.

E o aspecto sociopolítico, conforme Galvão (2002) a atuação dos (as) professores (as) devem ir ao encontro da realidade social dos (as) alunos (as),

⁷ Entrevista concedida por G.U. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

⁸ Entrevista concedida por M.M. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

⁹ Entrevista concedida por M.M. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

¹⁰ Entrevista concedida por S.O. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

também sendo críticos quanto à escola, seus determinantes sociais e os conteúdos abordados de acordo com a necessidade dos (as) alunos (as).

Através das entrevistas, não ficou clara essa relação com seus (as) professores (as), mas através da experiência como professora no clube, fica bastante nítido o quanto os (as) profissionais atuantes tentam se aproximar e entender a realidade de seus (as) alunos (as). De acordo com a experiência como treinadora de futebol, há um pensamento crítico entre profissionais a respeito da metodologia de ensino, além dos conteúdos que devem ser abordados para cada idade.

Dentro do clube, as categorias de futebol feminino, possuem um método de ensino-aprendizagem bastante flexível, considerando que os (as) profissionais atuantes juntamente com as meninas são escalados conforme características que o autor Galvão (2002) refere-se no estudo acima mencionado. Importante relatar que os treinos para o futebol feminino são montados a partir das dificuldades da maioria, através das conclusões e críticas dos (as) profissionais responsáveis.

Pensando na relação professor(a)-aluna, conforme Brait *et al.* (2010) a importância do papel do professor consiste na sua atuação como intermediário entre os conteúdos e as atividades construtivas para assimilação dos alunos, pensando que o conhecimento é construído através das relações humanas, e não algo individual.

Seguindo ainda na pesquisa de Brait *et al.* (2010):

“a relação professor/aluno em meio ao ensino/aprendizagem depende fundamentalmente, do ambiente estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles”

Através da prática como professora de futebol na escola, pude perceber a necessidade que muitas meninas têm de se sentirem acolhidas por seus (as) professores (as). O esporte já possui esse ambiente competitivo, cheio de cobranças, algumas vezes vindas dos familiares que acabam por atrapalhar o desempenho de algumas alunas. A partir disso, torna-se importante a postura e atitudes dos profissionais dessa área pedagógica, pois com o psicológico

afetado, elas necessitam de alguém que seja receptivo, saiba ouvir, conversar e entender sua realidade.

Já vivenciei estas situações dentro da escola diversas vezes, entre treinos e jogos, havendo uma necessidade de reação do (a) professor (a) com uma abordagem mais afetiva do que técnica, tal posicionamento bastante valorizado e apreciado pelas alunas. A instituição também preza pela parte pedagógica antes do desempenho e resultados, buscando um desenvolvimento pessoal social, do que exclusivamente alto rendimento.

Por final, nas entrevistas, as meninas foram questionadas quanto ao incentivo à profissionalização das mesmas, independente de seguirem o caminho de atletas, de professoras, ou ainda fora do esporte. A ideia foi descobrir o que planejam para o futuro, dentro da prática, enxergando possibilidades de subirem para o futebol profissional ou seguirem outra carreira.

Três meninas relataram que já tem um plano B para o futuro, as alunas L.F. e D.C. (informação verbal)¹¹ falam que almejam cursar veterinária, já a aluna G.A. (informação verbal)¹² almeja a “[...] faculdade que eu sonho de fazer é relações internacionais [...]”.

Outras meninas ainda estão divididas entre permanecer tentando se tornar profissional no futebol ou buscar formação na área esportiva, como relata a aluna G.U. (informação verbal)¹³ “[...] eu acho que a gente tem que agir com o coração e correr atrás do nosso sonho inicial. Tem que ir e tem que tentar, porque impossível não é. [...]”, tal sentimento compartilhado e declarado pela aluna M.M.,

¹¹ Entrevista concedida por L.F. e D.C. Grupo Focal 2. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

¹² Entrevista concedida por G.A. Grupo Focal 2. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

¹³ Entrevista concedida por G.U.. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

“[...] eu acho que toda a atleta que sonha em ser uma jogadora profissional, busca ter uma carreira e tem o seu plano B de continuar no futebol feminino, continuar nesse envolvimento, falo por mim, treinadora, professora de educação física, montar uma escolinha, principalmente, buscado para o feminino porque a gente sabe quanto é dificultoso.” (informação verbal) ¹⁴.

Conforme o estudo de Nasário (1999) fica esclarecido os mecanismos que tornam o (a) professor (a) importante e influente na trajetória de seus (as) alunos (as), tendo o dever de fortalecer a auto-estima e autoconfiança, valorizando as possibilidades e saber reconhecerem os limites dos (as) alunos (as), além de fazer com que acreditem na sua capacidade e não na sua impotência. Ainda segundo o autor, não é suficiente o (a) profissional ter apenas os conteúdos da matéria, mas sim, dominar o conhecimento pedagógico, além do entendimento, ser capacitado para refletir e se aprofundar no processo educativo.

Contudo, “verificamos que o professor tem forte influência na tomada de decisão sobre a profissão que será assumida pelos futuros professores e suas práticas de ensino” (STAMBERG e NEHRING, 2016, p. 5).

¹⁴ Entrevista concedida por M.M. Grupo Focal 1. [nov. 2018]. Entrevistador: Luíza Loy Bertoli Pereira. Porto Alegre, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com tantas conquistas adquiridas nos últimos anos, desde leis que impõem aos clubes a criação e manutenção de times profissionais femininos e suas categorias de base até campeonatos a nível mundial, as meninas ainda se sujeitam a dividir espaço com os meninos dentro dos clubes de ponta, já que a procura delas pelo esporte ainda é insuficiente. O resultado é a falta de incentivo das escolas em abrir turmas exclusivamente femininas, sendo assim, para as que almejam se profissionalizar é preciso que se destaquem entre os meninos, a fim de conquistar uma vaga na equipe para competir nos campeonatos. Assim como os meninos sonham em se tornar seus ídolos esportivos, elas também almejam serem identificadas como uma 'futura Marta'.

Contudo, as dificuldades muitas vezes desmotivam as meninas a permanecer no esporte na busca pelas realizações profissionais, tanto que a maioria próxima aos 17 anos acaba por traçar um plano B, normalmente optando por cursar uma faculdade. Sendo assim, as alunas buscam sempre um incentivo, uma motivação para que permaneçam confiantes em seus caminhos.

Em função disso, realçamos a importância do (a) professor (a) nesse processo de ensino-aprendizagem, que por sua vez, é traduzido como um reconhecimento por suas alunas. Na identificação com seus (as) professores (as), as alunas citam que alguns (as) se tornam referência por sua inteligência e métodos de ensino, ou por afinidade, proximidade e empatia com a realidade delas, e ainda existem outros (as) que servem para que elas simplesmente não se identifiquem e queiram investir na profissão para mostrar que podem ser diferentes deles (as) ou desistam de seguir a carreira esportiva.

Considerando todas as situações acima, percebe-se o quão fundamental torna-se a presença do (a) professor (a) nesse processo de formação de suas alunas, tanto dentro da escola, como nas escolinhas de futebol. Tais profissionais apontados como espelho para suas atletas, servem como incentivadores (as) da prática, além de motivá-las a seguir por um caminho de crescimento no esporte que tanto amam.

Atrás de todos (as) os (as) jovens que almejam serem educadores (as) existirão professores (as) formadores (as) apaixonados por sua profissão, na qual seus (as) alunos (as) motivados se identificarão a fim de seguir seus passos na carreira, independente de qual seja.

Que este relato de experiência sirva para alavancar outros estudos sobre a prática do futebol por mulheres, suas motivações, suas dificuldades, além dos preconceitos ainda existentes. Há muito por descobrir no silêncio de algumas meninas durante as entrevistas nos grupos focais, seja por timidez, por desconhecimento do tipo de pesquisa feita, por receio ou pela inexperiência.

Este trabalho não se encerra em si, ele só instiga ainda mais a curiosidade em descobrir como estimular e ajudar as meninas a enfrentar as dificuldades dentro deste esporte tão adorado, e se sentirem acolhidas, amparadas e motivadas por seus (as) professores (as) neste ambiente competitivo e, por muitas vezes, ainda machista.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Org. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro (Trads). Lisboa: Edições 70, 2011.

BASTOS, Paula Viotti; NAVARRO, Antonio Coppi. O futsal feminino escolar. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 144-162, maio-agos. 2009. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaeducacaofisica/sumario/29/16122013152104.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Brasil é campeão no Campeonato Mundial Militar de Futebol Feminino**. 2018. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/noticias/44713-brasil-%C3%A9-campe%C3%A3o-no-campeonato-mundial-militar-de-futebol-feminino>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília, abr. 1941. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm>. Acesso em: 07 nov. 2018.

BRAIT, Lilian Ferreira Rodrigues *et. al.* A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Eeletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG*, v. 8, n. 1, jan/jul. 2010, p. 1-15. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/40868/20863>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2. sem. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3421/2445>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, abr./agos. 2002. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/274129_Darido.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 09 nov. 2018.

GALVÃO, Zenaide. Educação Física escolar: a prática do bom professor. **Revista Makenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, n. 1, v. 1, p. 65-72, 2002.

GAYA, A. **Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da iniciação científica**. Belo Horizonte: Casa de Educação Física, 2016.

LOURENÇO, Marcelo Aparecido; VAROTO, Fernando Azeredo. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. **Revista de Educação Física UNIFAFIBE**, Bebedouro/SP, v. 2, n. 2, p. 112-124, dez. 2013. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaeducacaofisica/sumario/29/16122013152104.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

NASÁRIO, Sônia Teresinha. **Concepção da prática pedagógica do professor de Educação Física: importância e influência no aluno**. 1999. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/80917/141959.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

REZER, Ricardo; SHIGUNOV, Viktor. Reflexões acerca da prática pedagógica em escolinhas de futebol e futsal a partir da leitura e compreensão de contextos específicos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 43-51, 1. sem. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3428/2459>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

SALLES, José Geraldo do Carmo; SILVA, Maria Cecília de Paula; COSTA, Marta de Moura. A Mulher e o Futebol: Significados Históricos. In: VOTRE, Sebastião (Coord.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF, 1996. P. 79-94.

SALVINI, Leila; MARCHY JÚNIOR, Wanderley. Registro do futebol feminino na Revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99-113, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n49p99/32958>. Acesso em: 07 nov. 2018.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino do Ensino Fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 1, p. 1-9, jan/abr. 2002. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n1/Moreira.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

STAMBERG, Cristiane Da Silva; NEHRING, Cátia Maria. A escolha pela docência: influências do professor formador. **Salão do Conhecimento**, [S.l.], set. 2016. Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/6762>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

VALENTIM, Renato Beschizza; COELHO, Marília. Sobre as escolinhas de futebol: processo civilizador e práticas pedagógicas. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 185-197, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/12VBR.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2018.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Vimos por meio deste, solicitar à equipe supervisora da Escola a autorização para a utilização do espaço escolar para entrevistar as atletas de futebol de campo feminino, realizado através de um questionário pré-estabelecido para coleta de informações sobre relações de professores com as alunas, pedimos o acesso a presente instituição para execução do Projeto de pesquisa, intitulado: Relato de Experiência: A influência da relação professor (a)-aluna na profissionalização de jovens atletas entre 14 e 17 anos, que segue junto com esse termo, com os devidos esclarecimentos referentes aos procedimentos de realização da pesquisa. Cabe salientar, que não gerará prejuízos aos alunos, professores, e a rotina de treinamento.

Esclarecemos também que o projeto será executado pela professora/pesquisadora Luiza Loy Bertoli Pereira, estudante de graduação em licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no curso de Educação Física sob a matrícula 00219180 e com a orientação do Professora Doutora Anelise Reis Gaya.

Desde já agradecemos vossa atenção e disponibilidade.

Atenciosamente,

Anelise Reis Gaya e Luiza Loy Bertoli

Nós da equipe diretiva da Escola autorizamos a realização do Projeto de pesquisa: Relato de Experiência: A influência da relação professor (a)-aluna na profissionalização de jovens atletas entre 14 e 17 anos.

Assinatura e carimbo Supervisor (a) da Escola:

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O (A) ALUNO (A)

Eu, _____, fui convidada a participar voluntariamente de um projeto de pesquisa intitulado Relato de Experiência: A influência da relação professor(a)-aluna na profissionalização de jovens atletas entre 14 e 17 anos. Fui informada que o estudo se destina descrever os aspectos positivos e negativos da relação professor (a)-aluna dentro do futebol feminino, que incentivam a profissionalização das jovens na área da pedagogia esportiva. A pesquisa apresentará riscos de ordem leve que serão amenizados da seguinte forma: a) Desconfortos na gravação das entrevistas de grupo focal: a gravação das entrevistas será apenas áudio e para conhecimento do pesquisador. Nenhuma aluna será identificada, e permanecerão em bancos de dados apenas para cunho acadêmico, não serão divulgadas.

Os benefícios que a pesquisa proporcionará serão: a) A descrição das necessidades das atletas na relação com seus professores; b) A descrição das preocupações com o futuro de jovens atletas da escola de futebol; c) A interpretação dos aspectos positivos e negativos na relação professor (a)-aluna.

Após a conclusão do estudo, terei acesso às conclusões geradas por este estudo. Bem como, terão acesso a esses dados: pesquisador e os pais ou responsáveis de cada aluno. A qualquer momento eu poderei recusar a participação no estudo, também poderei retirar este meu assentimento sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo. Estou ciente que minha participação não terá qualquer despesa e que não receberei qualquer compensação financeira ao participar deste estudo. Também estou ciente que a identidade de todos os participantes da pesquisa e os resultados servirá exclusivamente para fins de pesquisa científica. Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, declaro que concordo em participar do estudo, sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado.

Porto Alegre, ____ de novembro de 2018.

Assinatura do aluno
(participante/sujeito da pesquisa).

Assinatura do pai ou responsável
quando menor de 18 anos.

APÊNDICE C – ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL 1

Gurias inicio perguntando para vocês como vocês iniciaram no futebol?

G.U. – Futebol está na vida, nem caminhava e já jogava futebol. Jogar na rua, desde criança.

G.F. – Faz sete anos. Desde os sete anos, jogo futebol.

M.M. – Desde jogar na rua.

L.M. – Com os amigos, os irmãos.

V.F. – Comecei há 2 anos a jogar futsal na escola e agora comecei a jogar aqui.

S.O. – Mas em escola, jogo desde os seis anos.

G.U. - Eu estava na barriga e já estava chutando lá. Verdade.

Me dêem uma idade média que iniciaram no futebol?

G.U. – Quando era bem pequena, futsal.

M.M. – Sete.

G.F. – Sete. Eu não sei dizer, porque eu vivo numa família só de homens, daí sempre joguei bola na rua

G.U. – Eu estava na barriga e já estava chutando. [risos]

L.M. – Verdade.

Por que vocês escolheram o futebol? Teve alguma dificuldade dentro desta trajetória até aqui?

G.U. – Continua tendo na verdade.

M.M. – Acredito que sempre vai ter. Pelo preconceito de uma mulher, achar que futebol é só para homem. Uma das coisas que toda mulher que escolhe jogar futebol, acho que é tentar quebrar isso também, se vê como uma luta. Sempre vai ter dificuldade, porque sempre vai ter pessoas com pensamento bem pequeno em relação isso, de que mulher não tem um potencial, ou não tem um físico ou não pode desenvolver uma habilidade.

G.U. – Que não pode jogar tão bem quanto um homem ou até melhor.

M.M. – O que é muito mentira, porque está aí a Marta, seis vezes a melhor do mundo, onde nenhum homem conseguiu chegar, nem Messi, nem Cristiano Ronaldo.

Quando descobriram sobre escola de futebol feminino e como que vocês resolveram migrar, conseguiram participar para jogar futebol?

G.U. – No Globo Esporte, assim futebol.

M.M. – Com relação a procurar uma escolinha, eu sempre gostei de jogar inúmeros esportes, comecei desde as Olimpíadas, o Jergs que tem no Estado e acredito que isso ajudou muito, muito mesmo, é muito importante. E escolhi o futebol, porque ele me escolheu na verdade, jogar futebol era bem diferente de quando eu estava jogando handebol, acho que a paixão que eu tinha pelo futebol de assistir, de descobrir mais, de estudar mais, é totalmente diferente.

G.U. – É e na verdade é exatamente isso, é o futebol que te escolhe, porque tu tem o dom, tu nasce com o dom, porque jogar futebol não é literalmente se aprender, ou tu aprende quando é pequeno e desenvolve, vai aprimorando o talento ou não existe tu chega e nunca jogou futebol na vida e vai lá com 15 ou 16 anos e de repente quero jogar futebol, não existe.

M.M. – Não é literalmente se aprender.

Quantas de vocês participam de escolas que participam de campeonatos de futebol feminino estadual ou federal?

G.F. – A gente jogou o Gauchão este ano sub15, ganhou do Pelotas que é um time muito forte, muito grande, do Inter também, a gente ganhou a final com eles no dia 11, conseguimos a vitória e agora a gente vai jogar o brasileirão, dia 05 de dezembro a gente vai para São Paulo para disputar o brasileirão.

Como é a relação com a torcida, professor, como é a relação de vocês na competição?

G.F. – Ah é boa. Só que tem torcedores rivais que ficam debochando, desde o começo do campeonato todo mundo falava que a AEF não ia chegar em nenhum lugar, falou que não era capaz, que o time era fraco, não estava preparado para jogar o Gauchão. Antes de começar o jogo uma torcedora do

Inter falou que o jogo já estava ganho já, que eles iam meter 3x0 em nós, que não ia dar nada e que o campeonato era deles, a gente ficou tipo beleza né, a gente mostrou que a AEF não era o que eles estavam falando, que a AEF não era fraco, que tinha potencial para ganhar o Gauchão, e a gente conseguiu felizmente a vitória.

Para todas que jogaram campeonatos, sofreram assédio ou crítica de torcida, ou dos professores, organizadores?

G.U. – Campeonato de futsal sempre tem né, ainda mais que a torcida fica muito perto.

M.M. – Uma torcida maior também.

G.U. – Sempre que tem campeonato de futsal, torneio assim, tu escuta que tu não joga nada, que tu vai errar todos os passes e aí tu entra na quadra e faz diferente, vai lá e mostra para eles que não é bem assim.

L.M. – Eu não tive experiência com campeonato assim, mas no meu colégio mesmo tem umas olimpíadas que acontecem entre as turmas e os professores de educação física, acham que sabem muito mais que a gente, e eu acho isso meio ruim assim, meu professor de educação física é especializado em futebol, mas para mim ele não sabe muito futebol, é muito engraçado isso e aí ele fica me criticando, falando assim aí que tu vai chegar no jogo tu vai fazer isso, tu vai ser ruim, para mim ele não joga.

G.U. – Ele não incentiva um pouco.

L.M. – É exatamente.

V.F. – Eu já escutei do próprio pai de uma colega que eu não era boa que não devia estar jogando, durante um campeonato.

Referente a essas críticas... Pulando para o lado mais profissional, queria saber como lidam isso com os professores de vocês. Vocês nunca chegaram a comentar com os professores sobre isso? Se abrir com eles?

G.U. – Que na verdade se tu chegar para falar com num professor, é raro um professor que vai te escutar, e vai te entender ou tentar te entender, porque tu é menina tu está fazendo drama.

M.M. – É.

G.U. – Tu está fazendo muito drama e por isso que menina não joga futebol, por isso que menina não faz esporte, por isso que menina não tem força, é fraquinha, tu não passa por aquilo ali tu não precisa entender aquela pessoa, só que tu tem que entender, e que na maioria das vezes não é drama é realmente o que está acontecendo, só que a pessoa não consegue enxergar isso, só consegue enxergar que ela está certa.

L.M. – Mas eu acho que em relação aos professores de agora isso está mudando bastante, tipo estão escutando mais assim.

M.M. – Eu já recebi da própria família mesmo crítica e coisas assim, por não ser totalmente a favor do que eu faço e quando eu busquei ajuda com relação aos professores sim, no meu caso ajudaram bastante, foi até um dos professores até que me ajudou mesmo, não digo desistir assim, mas já cheguei a pensar por ser muito difícil e tive muito apoio: se eles não me querem aqui tem gente que me querem jogando e isso é o que importa para mim.

Puxando mais para a relação de vocês com os professores, na escola, escolinha, profissional. Como que é o tratamento com vocês? Totalmente profissional, tem uma relação afetiva, amigável, como é? Contato interno ou tem contato externo? Expliquem como é a relação com eles.

V.F. – Depende muito do professor que a gente está tratando, tem uns que a gente tem mais afinidade e outros não.

M.M. – Tem uns que tem aquela coisa de se encaixar, de confiança, de confiar. Totalmente diferente né, sempre tem um que vai ser mais fechado, aquele só que vai conversar quando está dentro de campo, necessariamente tem que entrar em contato para avisar alguma coisa e tem aquele que realmente tu pode contar dentro e fora de campo, que acaba se tornando além de treinador um amigo, uma amiga que ajuda muito.

L.M. – Acho que é muito bom para a confiança de cada uma ter os professores fora e dentro de campo.

Como é a relação com teu treinador onde vocês jogam?

G.F. – Todas as gurias têm mais afinidade com ele, não só dentro de campo. A gente fala com ele sobre várias coisas. Têm várias gurias que consideram ele como pai por não ter uma figura masculina na família. E têm várias gurias que ele considera também como filha, por ele ter um filho. Ele chama de filha. Vem aqui que se precisar de alguma coisa eu te ajudo em qualquer coisa, tem várias gurias que se precisar lugar para dormir ele tem, de dinheiro para ajudar. A minha relação com ele também é muito boa, eu converso com ele sobre várias coisas, sobre assuntos pessoais. Ele entende, e é muito bom isso.

Quais as categorias que tem nesse time?

G.F. - Sub13, 14, 15, 18 e adulto também.

Gurias, vocês também podem falar, referente a professores que já passaram por vocês, nos seus times, escolinhas. Professores novos, antigos, quais vocês preferem trabalhar, o que é importante na relação pra vocês?

M.M. – Particularmente eu prefiro aquele que tem envolvimento além de ser treinador e amigo, eu acho que claro que tem que saber separar, no momento que tem que ser treinador puxar a orelha, falar o que realmente tem que ensinar e ajudar, porque é para isso mesmo que está ali e também o momento que precisar de um apoio de um conselho. Eu acho que é muito importante tu ter essa capacidade de ser eficiente também nessa área.

G.U. – Tem que pesar os dois.

L.M. – Tem que ser equilibrado.

S.O. – Tem que saber ser meio termo.

Algumas coisas boas referente aos professores, que vocês gostam, acham importante ressaltar e ruins, onde podem melhorar no tratamento com o futebol feminino?

G.U. – Na verdade tem professores que são extremamente inteligentes, extremamente bons, só que na hora de botar o treino em prática deixam a desejar pelo fato de que não tem o pulso firme e, acaba que o aluno percebe e ultrapassa limite e se torna uma situação bem chata para quem está em volta e o treino acaba ficando ruim porque ele não puxa, porque ele não tem o pulso

firme, só que tu sabe que o cara tem potencial e que se ele tivesse pulso firme ia ser muito bom.

M.M. – Competência, inteligência, escutar, ouvir o que os atletas em geral falam para ele.

S.O. – Tem que saber escutar também.

M.M. – Ouvir, claro que dentro de campo é diferente, o que a gente sente dentro de campo é diferente, não que outra pessoa não saiba, que está ali para ajudar, para ensinar, para auxiliar. Ouvir as atletas, compreender. Os pontos negativos que eu já vi em treinadores, que eu já vivenciei, eu sei, eu sei, eu sei, e tu não sabe, tu está aqui para fazer o que eu mando, se eu mandar chutar a bola, chutar lá no raio que o parta, tu tem chutar.

Tá, e ainda sobre os professores, vocês consideram eles motivadores? Motivam a serem atletas, professores, outras áreas do futebol? Nada a ver com o esporte.

M.M. – Para mim, totalmente, com relação a ficar nessa área do futebol, quando a gente joga com meninos a gente tem uma visão, mas quando se entra para o futebol feminino, se tem uma visão totalmente diferente. Quanto mais tu busca, quanto mais tu está envolvida, mais tu conhece pessoas que vão te incentivando e vai mostrando que aquilo que tu sempre procurou e está achando e eu acho que toda a atleta que sonha em ser uma jogadora profissional, busca ter uma carreira e tem o seu plano B de continuar no futebol feminino, continuar nesse envolvimento, falo por mim, treinadora, professora de educação física, montar uma escolinha, principalmente, buscado para o feminino porque a gente sabe quanto é dificultoso.

Todas as meninas têm a mesma visão, e pensam em seguir alguma coisa na carreira de educação física?

G.U. – Ser treinadora, bem focado para o feminino. Tu saber que é difícil, que tem muita gente que quer, mas daí falta um degrau e daí desiste porque não tem apoio. Na verdade se fosse agir com a razão, largava o futebol, mas eu acho que a gente tem que agir com o coração e correr atrás do nosso sonho inicial. Tem que ir e tem que tentar, porque impossível não é. É bem difícil, mas impossível não é.

L.M. – Se for para ser fácil a gente nem começa. Porque mulher é assim.

M.M. – Tanto é que entra no futebol, um lugar ocupado por homens.

Me descrevam em uma frase, com tudo isso que a gente discutiu, o que faz vocês continuarem?

L.M. – Sonho.

S.O. – Paixão por jogar futebol.

G.U. – E as parcerias. As amizades que o futebol traz. O que o esporte em si traz também.

M.M. – Eu concordo com todas as frases, é o que resume, o amor, a paixão, o saber, o prazer que a gente sente, que se tiver que acordar 3h para jogar abaixo de chuva, sol, a gente vai jogar, é o que não faz desistir mesmo. O que não faz desistir é a paixão. Tu aprende a se abrir mais, a conversar, bah eu acho incrível isso.

Nenhuma colocação a mais sobre os assuntos tratados.

APÊNDICE D – ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL 2

Gurias inicio perguntando para vocês como vocês iniciaram no futebol?

E.L. – Eu. Eu comecei quando era pequena, aí fui para a escola e vi minha irmã e meus irmãos jogando. Aí fui para escola, depois para o time e agora estou aqui.

M.B. – Eu já cresci jogando com meus primos e amigos na rua, aí meu avô falava que ia investir em mim, e me botou primeiro no Professor Gaúcho, em Ipanema, depois tentou no Inter e agora estou aqui e pretendo continuar até onde der. [risos]

G.A. – Eu comecei quando eu era pequena na escola, porque ainda tinha futebol feminino, só que quando chegou na segunda parte do Ensino Fundamental eles cortaram o Futebol Feminino, porque tinha poucas gurias interessadas e os professores não queriam “perder tempo” com a gente. Aí quando surgiu a oportunidade de base em time de futebol eu consegui aqui.

D.C. – Eu assistia muito jogo de futebol com meu pai e na hora do intervalo da escola eu sempre jogava, só que eu não sabia nada, então eu sempre me interessei por aprender mais, aí eu vim parar aqui.

S.N. – Eu comecei a jogar futebol esse ano, e só comecei por causa dos meus irmãos que treinam aqui na escola, eu não jogava antes.

L.S. – Eu comecei a jogar desde pequena eu jogava com meus primos e meus amigos, aí eu entrei na escolinha da Duda, ex- jogadora do Inter e vim para cá.

Algumas de vocês passaram alguma dificuldade jogando com os meninos?

M.B. – Eu sempre joguei.

Esse sinal com a cabeça não aparece na gravação.

[risos]

D.C. – Ah sim, com certeza, já, bastante. Porque eles falam que... Eu peguei bem a época que guria tinha que ficar em casa, então... Ah! Guria não sabe jogar, guria não serve para futebol, não sei quem é que vai, ninguém vai olhar para vocês porque vocês são gurias, aí é difícil, porque as pessoas te botavam para baixo, enquanto tu queria subir. Até hoje né ainda tem isso.

M.B. – Muitas vezes ainda deixavam, a gente queria jogar junto com eles, deixavam a gente de lado, tipo última opção, o que sobrar, o time que faltar tu vai e eras isso.

E.L. – E fica no gol, toma barra de bolada, até tu conseguir jogar junto com eles.

D.C. – Aí tu vai para o gol, tu toma gol e eles te xingam ainda, porque tu não sabia ficar no gol.

M.B. – Mas quando eu comecei a jogar no meio deles, querendo dar jogo de corpo, jogar que nem homenzinho mesmo, mostrar que eu também tinha capacidade de competir com eles, aí eles começaram a me chamar para jogar, aí eles foram né, dá para botar no time, azar vai quebrar as canelas deles, mas azar.

E.L. – Tu é a única menina no meio de um monte de meninos, tu te sente constrangida, mas ao mesmo tempo tu ta fazendo o que tu gosta.

M.B. – Aí eles ficam com medo, cuidado para não machucar.

E.L. - Ah é menina que está no gol.

G.A. – Até hoje na Educação Física quando eles vão separar os times os professores sempre deixam as gurias separadas dos guris justamente por causa do jogo de corpo, porque eles têm medo dos guris machucarem. Mas o professor sempre abre a opção, Ah! As gurias que quiserem jogar com os guris podem ir, porque geralmente o jogo com as gurias não dava certo, era uma bagunça. Aos poucos, ao longo dos anos, eles foram abrindo espaço para as gurias jogarem, ah não tem problema se vocês quiserem jogar, mas tu vê que na hora do jogo eles não te passam a bola.

D.C. – Sim tem muito isso. A escola agora melhorou bastante, porque quando eu comecei a fazer escolinha de futebol, o pessoal começou a me passar mais a bola, achando que eu era estrela, só que não é bem assim a situação. Só que o professor da escola ele não queria que a gente jogasse guri com guria por causa do jogo de corpo e falavam que as gurias não tinham físico ou não saberiam jogar com os guris. Aí eu batia de frente com o professor e falava, “não, eu quero jogar”, aí ele teve que começar a deixar eu jogar.

Em meio a tantas dificuldades que vocês ressaltaram, principalmente, essa questão de menino/menina e vocês todas terem que passar por essa situação. O que fez vocês continuarem insistindo em jogar, o que fez vocês, não eu quero continuar tentando jogar, eu vou continuar batendo de frente.

M.B. – Um objetivo, mostrar que o Futebol Feminino poderia, pode ser mais valorizado.

G.A. – Que menina joga onde quiser, não importa onde, se a gente quer jogar ainda por cima.

D.C. – Lugar de guria é onde ela quiser.

G.A. – Se a gente não correr atrás a gente não vai mostrar capacidade para times que vão abrir oportunidades para a gente jogar. Porque cada vez mais o futebol feminino está crescendo e antes, quase nunca, transmitiam copa do mundo feminino e agora cada vez canais de televisão estão abrindo espaço para o futebol feminino, desde categorias de base até o profissional.

M.B. – Ainda não é tão valorizado, mas acho que ainda chega a esse ponto.

Uma pergunta bastante importante nesse ponto trazido por vocês, os professores de vocês servem com motivação?

D.C. – Wow! Bah! Então, é mais ou menos, têm professores que parecem que nasceram para ser professores, que eles sabem como falar com a pessoa, como falar com o aluno e tem professores que não tem noção de como se falar com uma pessoa, por exemplo, a pessoa está dando tudo de si, vai dizer não eu sei que tu pode mais porque realmente ele vê que a pessoa pode mais. Mas quando a pessoa está cansada já ou não está conseguindo e está frustrada, chega um professor e começa a botar a pessoa para baixo, falando que não serve para bater pênalti, falando que não serve para ficar no gol, então é complicado.

G.A. – Quando eu entrei para a escolinha de futebol foi a primeira vez que eu tive experiência com professores que eu vi que realmente se importavam com o futebol feminino. Até o tempo que eu joguei futebol feminino quando eu era menor, todos os professores eles nos tratavam como se a gente fosse a mesma coisa que os guris, eles cobravam as mesmas coisas, sendo que a gente nunca tinha tido um treino igual ao deles, parecia que eles não se importavam com o futebol feminino. Ah eu estou fazendo porque a escola disponibiliza futebol feminino, mas eu não queria estar aqui. Aí quando eu

entrei para a escola de futebol foi totalmente diferente, porque vi gente que realmente queria que o futebol feminino acontecesse.

D.C. – Sim eu também peguei a época quando estava começando e eu vi o quanto os professores batalhavam e agora a gente tem um monte de gurias no time, sendo que antes não passava de 10 gurias e agora tem um monte e aí cada dia mais a gente quer treinar na chuva, não pode, mas a gente quer treinar, porque a gente quer mostrar que nada vai impedir de realizar nosso sonho.

E.L. – Eu não me lembro da pergunta.

Na relação do professor ser uma motivação ou não para vocês, independente, da escola ou escolinha de futebol. E vocês também podem falar, por favor.

E.L. – Ah meus professores sempre me motivaram, ah bota a Ellen, ela joga bem, a Ellen joga melhor que um monte de guri que está aqui, sempre falavam vai jogar, vai jogar que tu vai poder. Teve um tempo quando eu era menor, aí o professor se interessou em mim, digamos que ele me iludiu, daí quando ele foi me botar numa escolinha ele desistiu, aí eu tinha parado de jogar, continuava só na escola. Até surgir outra opção.

M.B. – Na minha escola quando eu jogava, participava dos campeonatos do Jergs, minha professora sempre me motivou, dizia que não era para mim desistir, o que eu poderia alcançar se eu não deixasse nada atrapalhar. Esses dias ela apareceu por aqui na escola, e falou ah que coisa boa que tu deu um passo a mais, porque a escola é bem diferente da escolinha. Explicando, disse que ela sempre sonhou por mim em conquistar esse passo enorme que eu dei, de estar aqui um clube. Aí eu disse que eu fiquei muito grata por ela ter me motivado bastante, em questão de ter puxado, xingado, abraçado quando foi necessário, de ter apoiado quando o time foi campeão, quando o time perdeu, estava sempre motivando, falando que a gente era guerreira, que a gente podia continuar indo atrás do nosso sonho. E eu sempre, em todos os lugares que eu participei no futebol, todos os professores me trataram super bem, nunca fui humilhada, falaram que eu não tinha capacidade, todos os professores deram motivação para não desistir e é uma coisa que eu me sinto muito feliz. Às vezes dá um desanimo de continuar, de achar que não vou alcançar mais, mas aí eu penso em tudo que passou, das motivações que me deram, os apoios de

continuar, que um monte de meninas queriam estar onde eu estou agora e não tem capacidade, não tem capacidade não!

D.C. – Não tem oportunidade.

M.B. – Não tem oportunidade, eu não desisto, por que eu sei que uma hora ou outra, 18 na cara, quase 18.

[risos]

Descreve como é a relação com os professores de vocês nos lugares onde vocês jogam.

E.L. – Todas dizem que é boa a relação entre elas e o professor.

D.C. – Depende do professor também. Mas tem uma professora aí que é boa.

Descrevam características que faz vocês se identificarem um pouco mais com os professores.

G.A. – Sempre que a gente está nos treinos eles pedem para a gente falar o que a gente achou do treino, eles querem saber o que dá para melhorar, ou que a gente deixou de fazer, ou se faltou intensidade, acho que é isso.

D.C. – Antes de nos falarem o que a gente deixou de fazer, eles nos perguntam para ver se a gente percebeu, depois do treino, se estava faltando alguma coisa, se dava para mexer em alguma coisa, se a formação do time que ele colocou a gente gostou, a gente achou que vai dar certo, que não vai ter algo que não vai dar, e isso é muito bom. Pela determinação deles também é importante.

G.A. – Também tem incentivo, muitas vezes a gente pode fazer um treino ruim, mas sempre vai ter um professor (a), que vai estar lá para ter dizer: ah! No próximo treino tu faz melhor, tu consegue, a gente sabe da tua capacidade. Nunca é um professor, pelo menos nunca tive essa experiência, jogando numa escola de futebol, dizendo, me humilhando, sempre era alguém me incentivando, que eu posso fazer melhor, é só se esforçar. Ah estou falando da minha experiência.

E nessa relação com o professor de vocês, quais as características que chamam a atenção pelo comportamento do professor que incentiva vocês a virem treinar. O que faz vocês virem todos os dias treinar? Além do amor pelo esporte.

D.C. – Emagrecer! [risos]

M.B. – Tudo que eles estão mostrando para nós que está abrindo as oportunidades, e dá mais motivos de querer, e agora no caso vai abrir bastantes campeonatos para a gente, coisas que não tinham antigamente, aí eles nos mostram como estão crescendo as oportunidades. No começo quando eu entrei para cá não eram tão puxados os treinos como está sendo agora, não era.

D.C. – Verdade tem uma professora que todas as sextas quer fazer físico com a gente agora.

M.B. – Mas eu acho muito bom isso para a gente estar preparada no campeonato.

D.C. – Daí a gente comemora sambando.

M.B. – Ah! Mas é coisas que a gente tem que passar, se a gente quer mesmo, a gente tem que passar por isso, ah não vai ser um treininho ali que vai desenvolver.

D.C. – Mas é que não está pegando leve, tem que começar leve para a gente pegar direito, mas não fez a gente sambar no meio do negócio lá, sobrou até para meu treino.

G.A. – E sem o físico a gente está mais propício a lesão, porque a gente entrava na explosão do futebol direto, não tinha algo para se alongar, assim.

D.C. – [risos] Sem mentira gente, ano passado eu cai durinha no chão. Lembra? Eu e a Alexia caindo dura.

Os professores motivam vocês a serem atletas, seguindo na área profissional de educadores, ou carreira fora do esporte?

E.L. – Meu professor é bem motivador.

G.A. – No início do ano os professores faziam uma dinâmica com a gente. Não é que eles não queiram que a gente tenha como primeira meta, primeiro sonho ser atleta, mas por saber que o futebol feminino não é tão reconhecido como merece, eles jogam para a gente uma segunda opção, já que a gente quer tanto ser atleta, então pelo menos fazer uma faculdade de educação física, ou coisa parecida assim, não por não acreditar na gente, mas por medo que o futebol feminino não tenha reconhecimento. Então por uma garantia pelo menos faz uma faculdade.

S.N. – Ele nos motiva a ser jogadora e tudo, mas... Ah! Ele nos motiva.

M.B. – Eu já estou pensando em fazer a minha faculdade de educação física.

D.C. – Eu quero ser veterinária ainda.

M.B. – Não, está na área que eu gosto entendeu, esporte.

D.C. – Amiga tu pode fazer esporte com os cachorros também. Correndo com eles, jogar futelbozinho.

Então tu tem o desejo de veterinária independente de jogar futebol ou não.

D.C. – Ah não, se abrir uma porta no futebol, só que tipo eu vou ir jogar futebol, mas igual eu quero ter um diploma, porque se eu parar do futebol eu vou ter já minha carreira entendeu, eu não ter que fazer faculdade, esperar, não eu já vou ter, se eu parar do futebol eu já posso continuar a minha vida, triste, mas vida.

G.A. – Eu penso mais ou menos a mesma coisa que ela, a faculdade que eu sonho de fazer é relações internacionais, só que se abrir uma porta assim, alguém me trazer uma oportunidade com certeza eu vou.

Vocês já tem um plano B então.

D.C. – Sim.

L.F. – Veterinária

G.A. – Hoje em dia, principalmente em se tratando de futebol feminino, aqui no Brasil nem tanto, mas no exterior eu vejo muitas universidades que abrem portas para o futebol feminino, inclusive nos Estados Unidos eles dão mais valor para o futebol feminino do que aqui. E a pouco tempo atrás eu estava falando com alguns professores da escola de futebol que uma carta de recomendação é praticamente a passagem que tu tem para a universidade no exterior e tu vai ficar jogando por uma universidade e se eles te acharem que tu é bom o suficiente eles te levam até para a seleção.

M.B. – Vou para lá então.

D.C. – Estados Unidos tem isso.

G.A. – Sim, é de lá que to falando. [risos]

Nenhuma colocação a mais sobre os assuntos tratados.